

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2010/2011

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O PROFESSOR MENDES CORRÊA (1888-1960) E AS INVESTIGAÇÕES SOBRE O *HOMO AFER TAGANUS* DOS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DE MUGE

João Luís Cardoso¹

NOTA PRÉVIA

A 7 de Janeiro de 1960 falecia em Lisboa o Prof. Doutor António Mendes Corrêa. A publicação do presente texto integra-se, assim, nas comemorações do cinquentenário do seu passamento, tendo sido apresentado oralmente, mas jamais publicado, na sessão promovida no dia 6 de Janeiro de 2011 pela Universidade do Porto numa iniciativa conjunta das suas Faculdades de Ciências e de Letras, pois em ambas o ilustre antropólogo e arqueólogo leccionou. Com a presente publicação, associa-se assim o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras à Homenagem devida à figura do Mestre e do Investigador insigne a quem o País tanto deve no avanço dos estudos arqueológicos e antropológicos.

O Prof. Doutor António Augusto Esteves Mendes Corrêa (ou Correia, embora gostasse e por isso sempre tivesse usado a grafia antiga), nasceu no Porto, a 4 de Abril de 1888 e faleceu em Lisboa, a 7 de Janeiro de 1960. Pode dizer-se que o essencial da sua actividade científico-literária abarcou um período de cerca de 50 anos, entre os inícios da década de 1910 e o final da década de 1950 (CARDOSO, 1999, 2011). Sendo uma das personalidades mais marcantes da Universidade Portuguesa, entendia a investigação em Antropologia de uma forma alargada, tanto no âmbito da Antropologia física do Homem Actual e do Homem Fóssil, quer aos estudos sobre a sua respectiva cultura material, representada pelos testemunhos conservados; daí que o seu nome surja desde cedo relacionado com investigações arqueológicas, por si levadas a cabo ou patrocinadas, a que agregou colaboradores seus, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; nos últimos anos da sua actividade científica apoiou, no âmbito de Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (fundação do Instituto de Alta Cultura), que dirigia, investigações de múltiplos arqueólogos, tanto do ponto de vista institucional como financeiro, que encontravam na sua figura tutelar firme apoio aos estudos que pretendiam levar a cabo, desde trabalhos no terreno, até à publicação dos respectivos resultados; sempre as páginas da revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a que presidiu por longos anos, se encontraram à disposição de todos. Mendes Corrêa entendia o campo científico da Antropologia como reflexo da variedade e diversidade da própria natureza humana.

Abarcaria, desta forma, conhecimentos de Biologia, Zoologia, Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Medicina, Psicologia, Sociologia, Arte, História, Arqueologia e Geografia, entre outras áreas científicas (MONTEIRO, 1959).

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

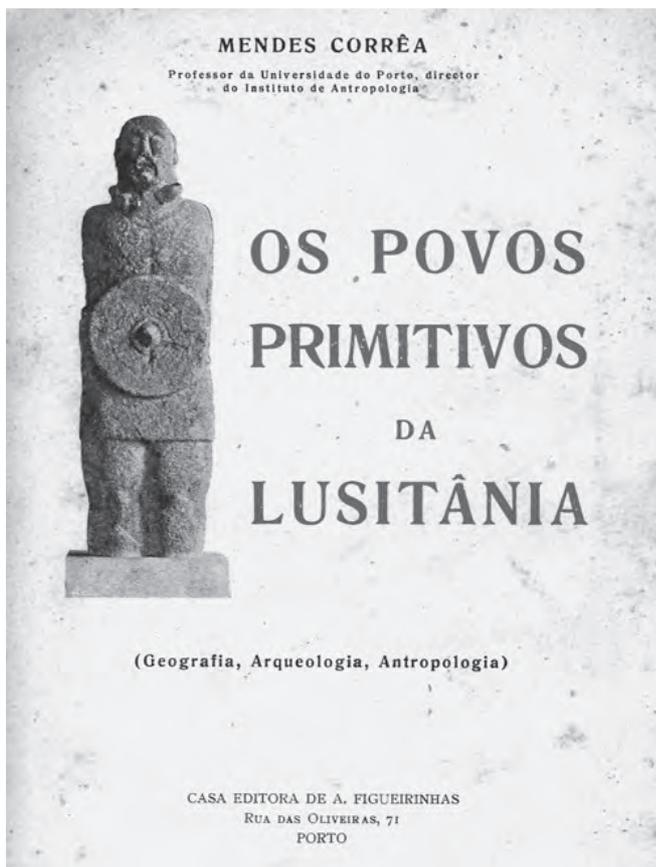


Fig. 1 – Capa da obra “Os povos primitivos da Lusitânia”, publicada em 1924.

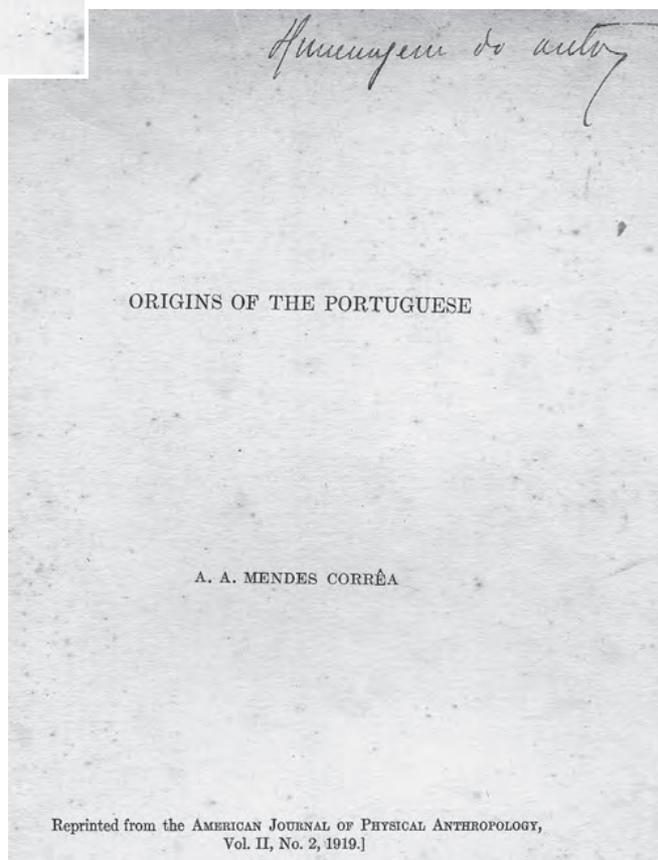


Fig. 2 – Capa da separata do artigo “Origins of the Portuguese”, publicado em 1919.

Fig. 3 – Capa do livro “Raça e Nacionalidade”, publicado em 1919.

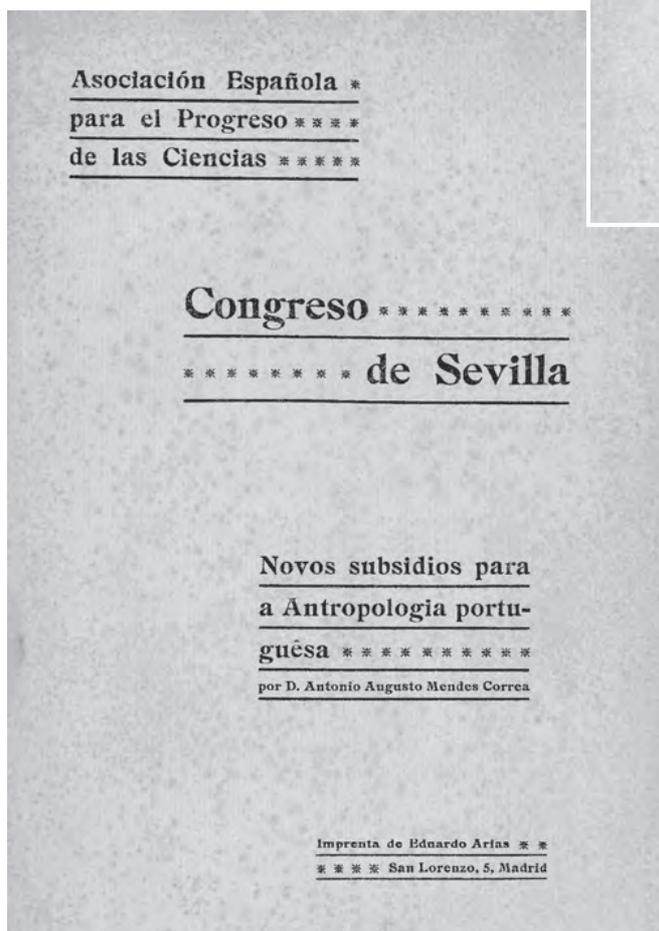
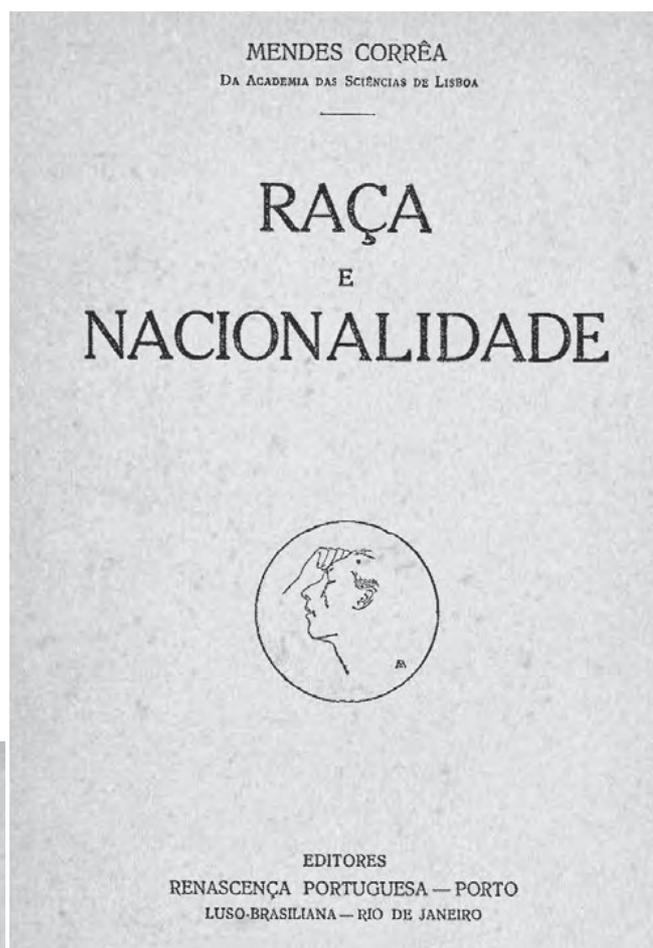


Fig. 4 – Capa da separata do artigo “Novos subsídios para a Antropologia portuguesa”, publicado em 1917.

A Arqueologia surge, assim no campo complexo da dimensão cultural do Homem, assim se compreendendo os contributos que se lhe ficaram a dever em tal domínio, espelhados em duas das suas obras maiores: “Os Povos Primitivos da Lusitânia”, síntese notável onde integra um vasto conjunto de conhecimentos desde a geologia e a geografia, até à paleontologia, ainda hoje de consulta proveitosa, publicada em 1924 (CORRÊA, 1924) (Fig. 1), a que se seguiu, em 1928, o capítulo da História de Portugal dirigida por Damião Peres, “A Lusitânia pré-romana”, cuja primeira impressão remonta a 1928.

Admitia Mendes Corrêa que, para se compreender a Pátria requeria-se, primeiro, o conhecimento de realidades que só a investigação científica poderia desvendar. Segundo Mendes Corrêa, se a Antropologia Física foi susceptível de conduzir à demonstração da natureza mais profunda do povo português – para cuja caracterização, de acordo com os critérios vigentes, ele em muito contribuiu – só a Arqueologia seria capaz de conferir estatuto cultural a tal realidade. Porém, jamais foram determinantes no pensamento de Mendes Corrêa doutrinas favoráveis a um nacionalismo exacerbado tão em voga na Europa do seu tempo. Pelo contrário, defendeu, quase desde o início da sua brilhante carreira científica, a integração da população portuguesa num bloco que abarcava o Norte de África, encontrando afinidades especiais com os actuais berberes (CORRÊA, 1919 a, 1919 b) (Fig. 2 e 3). Dois anos antes, Mendes Corrêa tinha já apresentado ao Congresso de Sevilha da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, no qual, a partir de estudos craniológicos, estabeleceu pela primeira vez a correlação entre as populações predominantemente dolicocefalas de Muge e o então chamado *Homo aurignacensis* cujas afinidades protoetiópicas tinham sido postas em relevo por Giuffrida-Ruggeri. Assim, para Mendes Corrêa, eram tropicais as raízes genéticas dos habitantes mesolíticos dos concheiros de Muge, encontrando as suas homólogas “na Argélia, na Tunísia, na Sicília, no Egipto, no Alto Senegal, na Índia, etc.” (CORRÊA, 1917, p. 143, 144) (Fig. 4), e até no continente australiano.

Em 1919, recém-eleito Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, perfeitos apenas 30 anos (Fig. 5), admitia que as raízes do povo português mergulhavam no Neolítico, mas não chegavam ao Mesolítico, conforme verificou ao estudar os espólios osteológicos conservados nos Serviços Geológicos de Portugal, recolhidos nos concheiros de Muge, nas escavações ali efectuadas no último quartel do século XIX (CORRÊA, 1923) (Fig. 6). As mais longínquas populações que considerou como um das fontes genéticas directas, e mesmo assim só em parte, dos Portugueses actuais, foram as dos construtores dos dólmenes, que eram então invocadas por insuspeitos arqueólogos, como Bosch-Gimpera, como uma marca identitária do actual território português. Deste modo, não considerava o contributo dos povos dos concheiros como contribuintes efectivos para o complexo genético de que resultaram os actuais portugueses, aspecto que se encontra bem expresso na seguinte frase:

“O passado não morreu. A ciência arqueológica e as leis da hereditariedade permitem-nos concluir que ele não se extinguiu de todo, que dele flui, no presente e em nós próprios, um esforço incessante de vida, uma energia inextinguível de luminosa continuidade criadora. Os mortos dos dólmenes e das necrópoles, os íncolas das citânias e das vilas, os heróis da Reconquista Cristã e das naus da Descoberta, estão connosco, ressurgem em todas as horas triunfais da Pátria” (CORRÊA, 1938 a, pág. 260). Mendes Corrêa encontrava-se então no auge da sua pujança e vigor, época que coincidiu com importante intervenção política na vida pública nacional (Fig. 5).



Fig. 5 – Mendes Corrêa com 30 anos (Processo Individual, Academia das Ciências de Lisboa).

Fig. 6 – Capa da separata do artigo “Nouvelles observations sur l’*Homo taganus*, Nob.,” publicado em 1923.

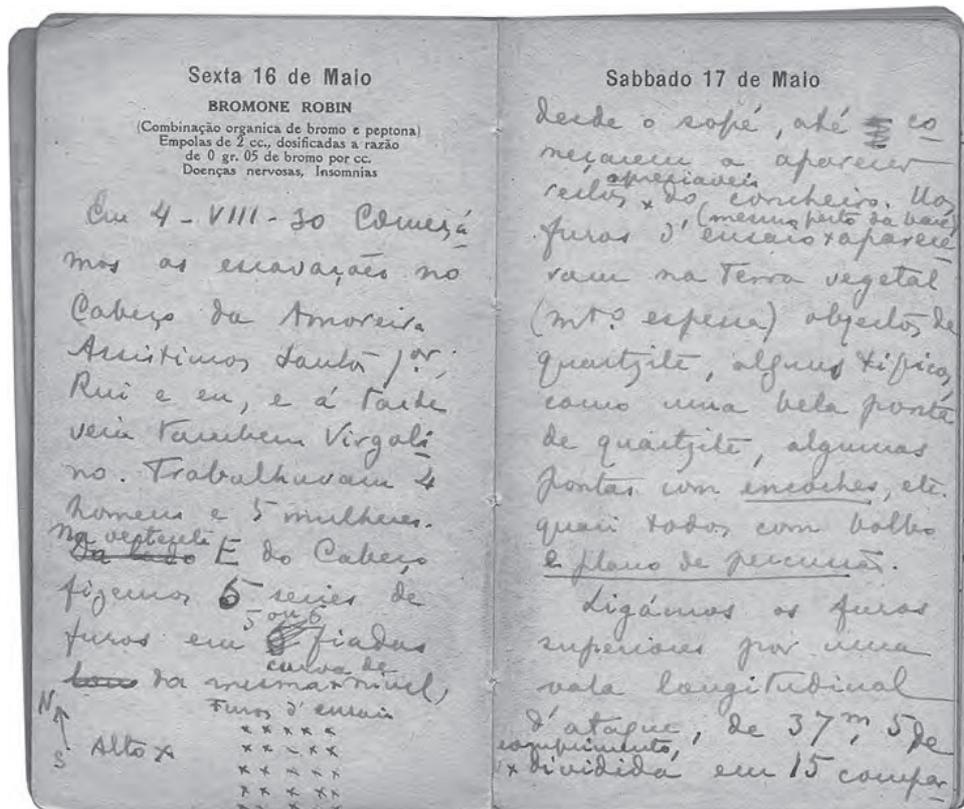
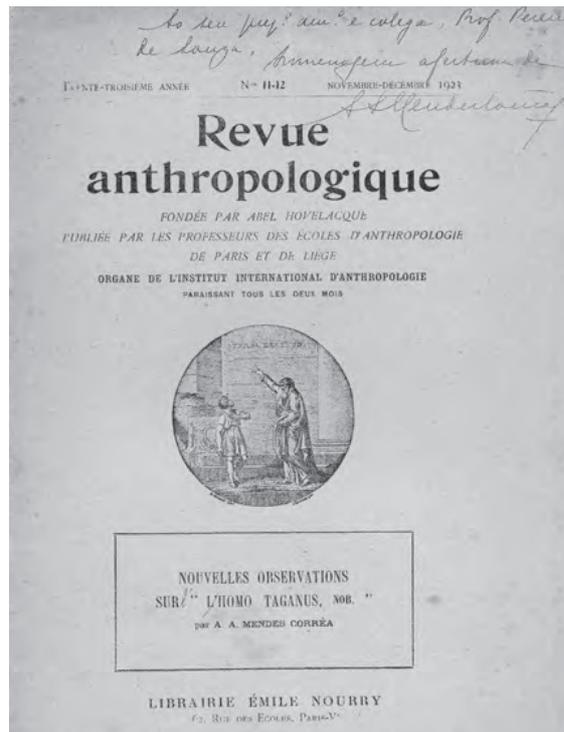


Fig. 7 – Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra do próprio, relativo à primeira campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1930).

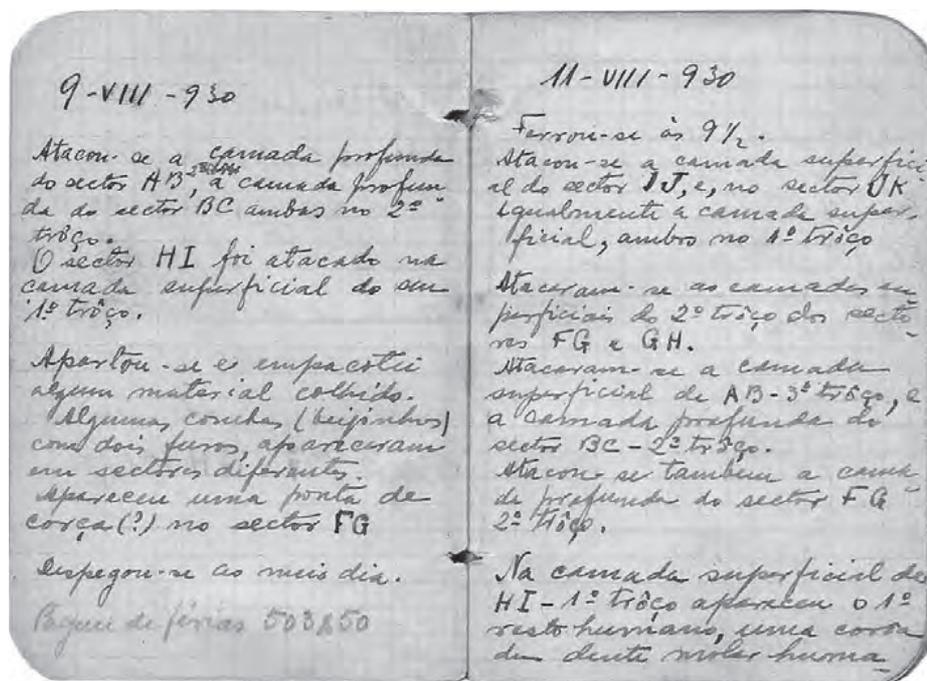


Fig. 8 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra do seu Assistente J. R. dos Santos Júnior, relativo à primeira campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1930).

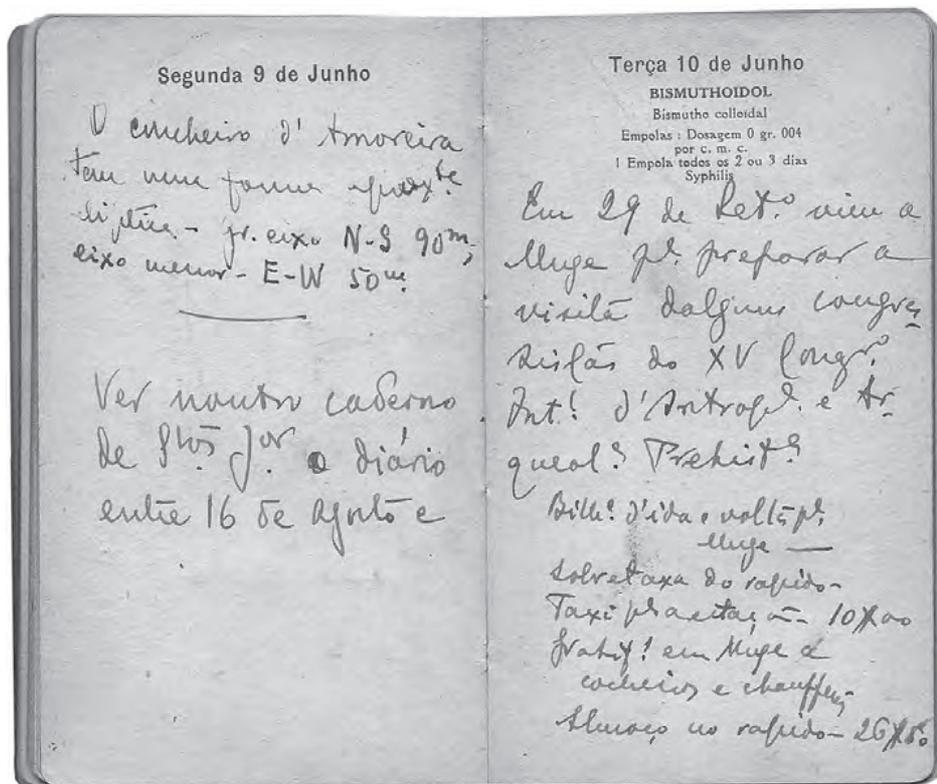


Fig. 9 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra do próprio, relativo aos preparativos da visita que os participantes no XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica fizeram às escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1930).

Se as explorações do Homem terciário não foram à medida das suas expectativas iniciais (CORRÊA, 1926; CORRÊA, 1928), já as escavações que empreendeu nos concheiros de Muge foram coroadas de êxito. Elas correspondem ao culminar das actividades arqueológicas de campo de Mendes Corrêa, vencida a vontade de M. Heleno que, também ali, pretendia efectuar escavações “sem ideias preconcebidas”, manifestada em 1932 e inícios de 1933, já depois de iniciadas as do primeiro, com o argumento de o Museu Etnológico ainda não possuir materiais ilustrativos dessa época. A alusão, não inocente, a “ideias preconcebidas” referia-se às afinidades negróides e australóides invocadas por Mendes Corrêa, para os antigos povoadores dos concheiros. Assim, não espanta que M. Heleno pretendesse convidar Henri Vallois, forte opositor daquela doutrina, para estudar o material antropológico que recolhesse, no que foi duramente criticado por antropólogos portugueses. O epílogo desta tentativa de



Fig. 10 – Foto dos participantes no XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica na visita que fizeram às escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira, a 1 de Outubro de 1930. Mendes Corrêa é o quarto, em segundo plano, a contar da direita, encontrando-se à sua frente Louis Siret e Eugénio Jalhay. J. R. dos Santos Júnior encontra-se agachado, com um barrete de campino (N/A, 1931).

Heleno inferiorizar o trabalho de Mendes Corrêa, foi ditado pelo próprio Vallois, ao escrever uma carta a Mendes Corrêa, por este publicada, desdramatizando as divergências entre ambos (cf. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 6 (1), p. 55-57). Graças à sua capacidade de relacionamento tanto nos meios nacional como internacional, Mendes Corrêa conseguiu neutralizar a pretensão de Heleno para assumir a direcção das escavações naqueles míticos lugares da Arqueologia portuguesa. Com efeito, o projecto de Mendes Corrêa encontrava-se suportado, desde há anos, por trabalhos que vinha regularmente publicando: já em 1917, com base nos estudos antropológicos dos materiais exumados no século XIX por Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira, tinha negado a descendência da actual população portuguesa do grupo mesolítico dos concheiros de Muge (CORRÊA, 1917); em 1919, declarava, numa obra seminal publicada em Portugal e em prestigiada revista internacional, ambas já anteriormente citadas (CORRÊA, 1919 a; 1919b): “Os selvagens de Muge seriam populações pacíficas, sedentárias, miseráveis, vivendo da caça e da pesca, num grande atraso cultural”. Sublinhando conclusão anterior, apresentada no seu artigo de



Fig. 12 – Aspecto da escavação de 1931 no concheiro do Cabeço da Amoreira, observando-se bateria de crivos e respectivos manipuladores: as mulheres crivavam as terras, enquanto os homens puxavam com enxadas as terras já crivadas (Gonçalves, 1986, Doc. IIIId).



Fig. 11 – Aspecto da escavação de 1931 no concheiro do Cabeço da Amoreira: da esquerda para a direita, J.R. dos Santos Júnior, Mendes Corrêa e Rui de Serpa Pinto (GONÇALVES, 1986, Doc. IIIb).

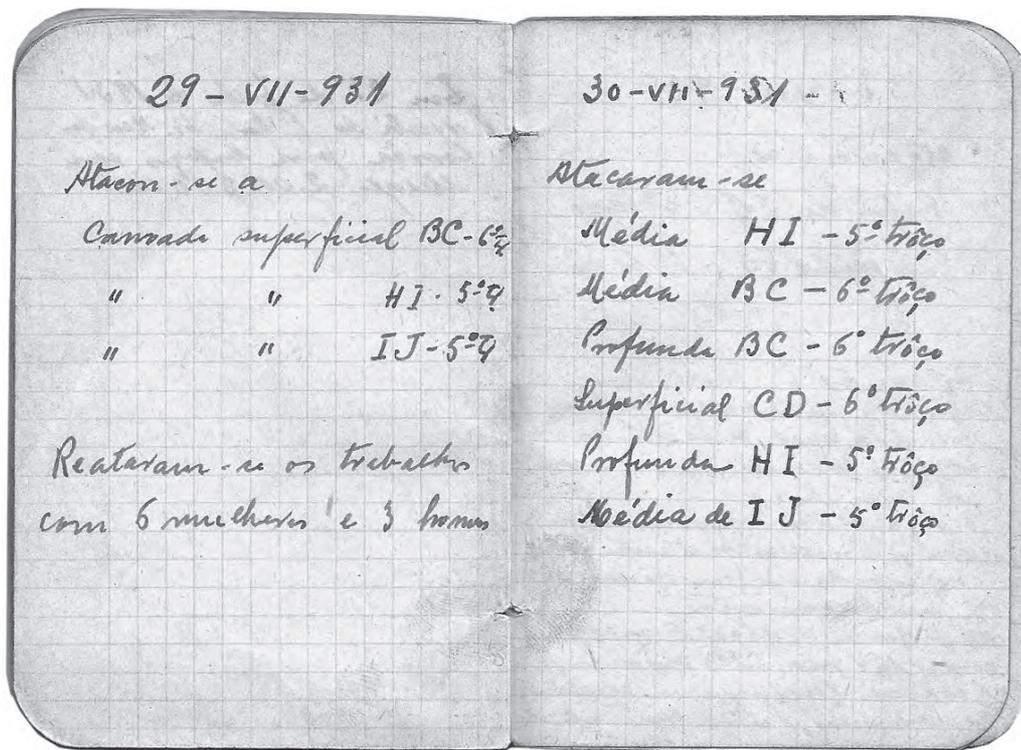


Fig. 13 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de J. R. dos Santos Júnior, relativo à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1931).

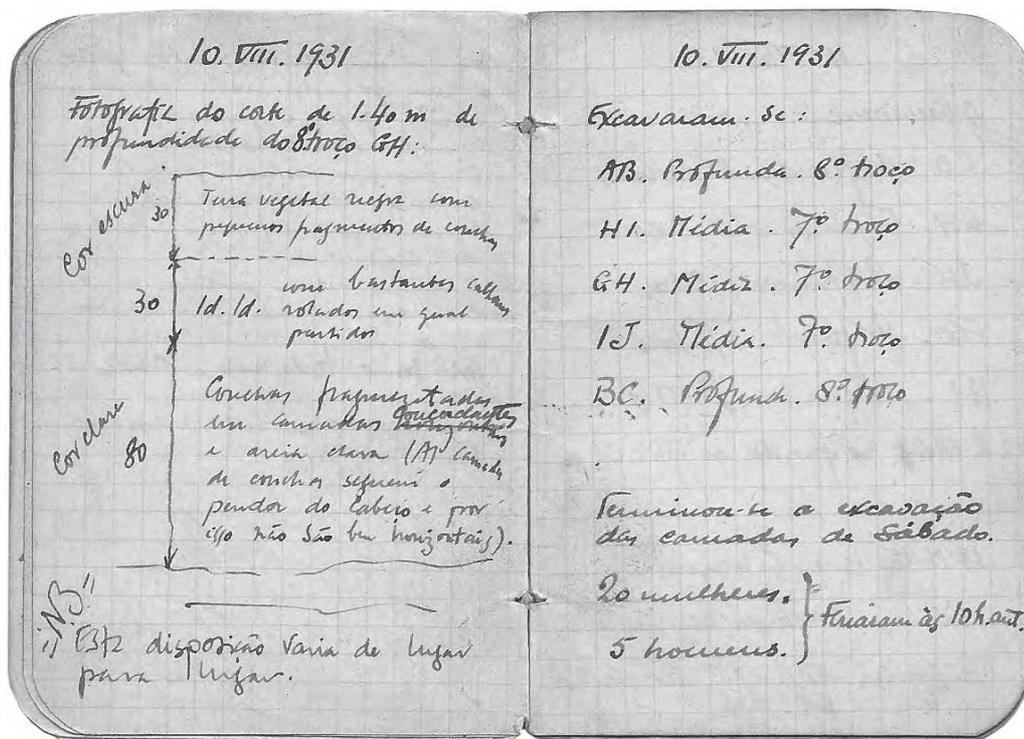


Fig. 14 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de R. de Serpa Pinto, relativo à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1931).

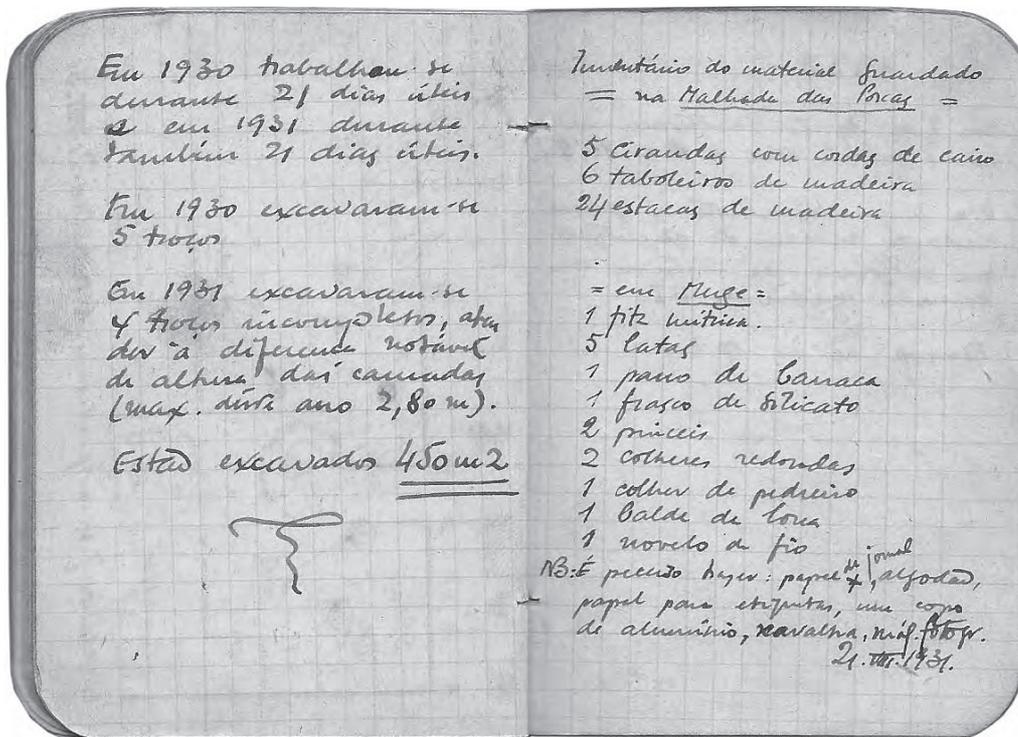


Fig. 15 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de R. de Serpa Pinto, relativo à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1931).

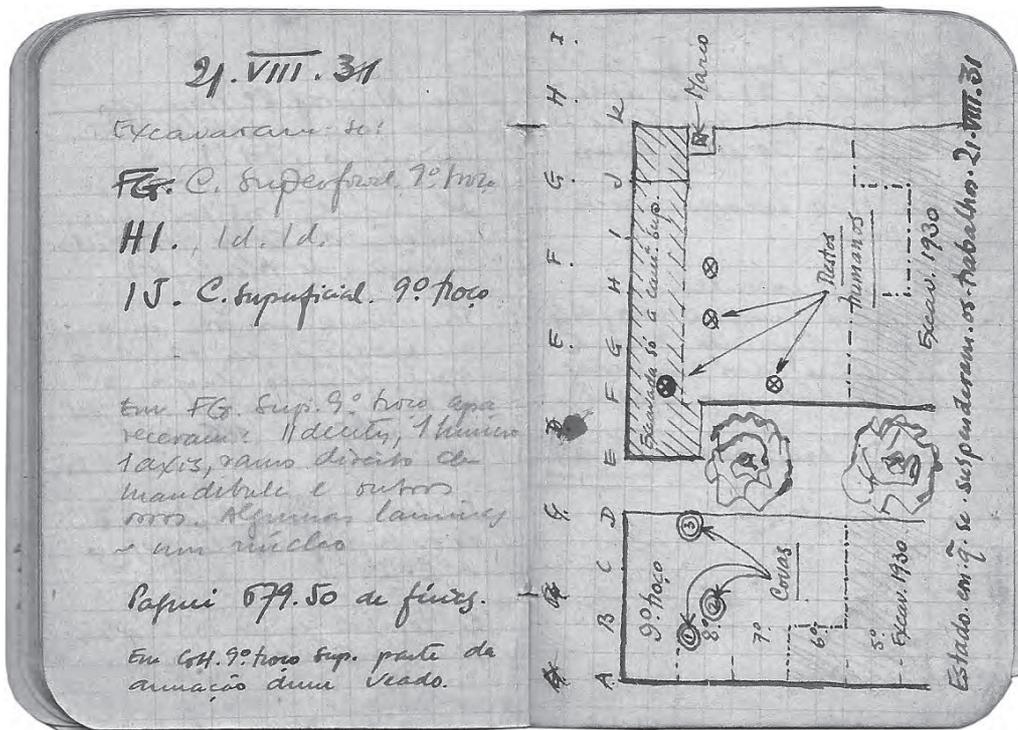


Fig. 16 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de R. de Serpa Pinto, relativo à campanha de 1931, contendo a planta-esboço da área explorada no concheiro do Cabeço da Amoreira até ao final de Agosto daquele ano, com a indicação do sistema de quadricula adoptado.

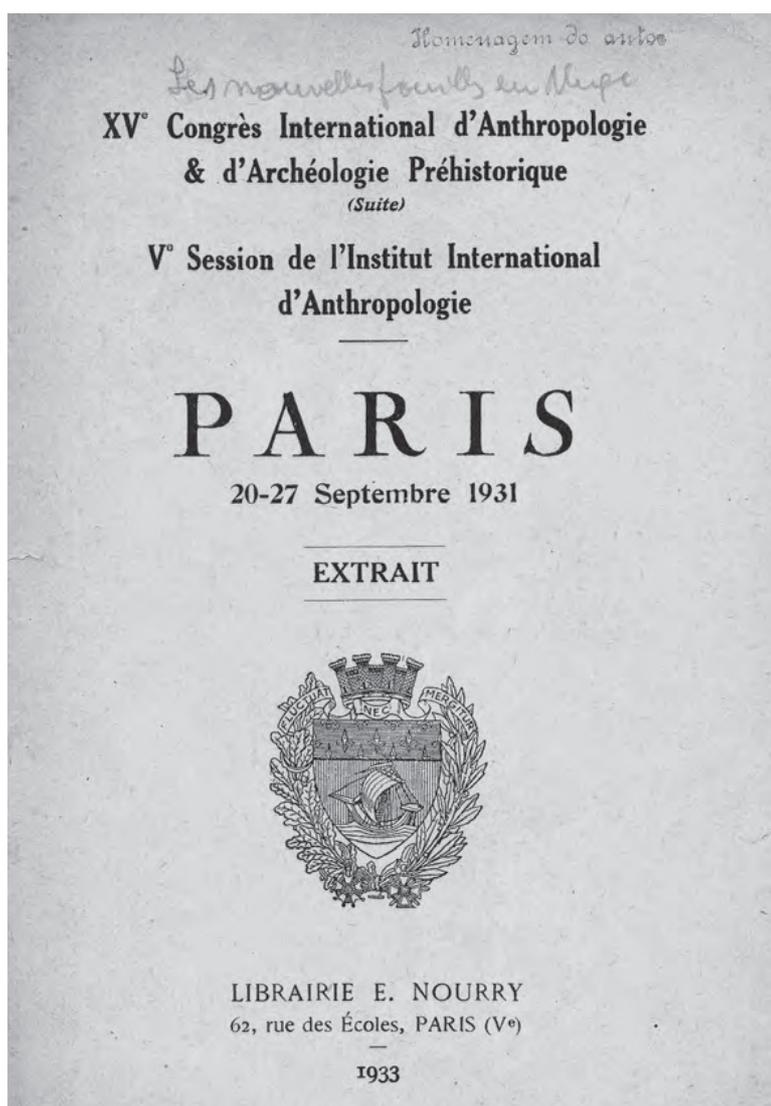


Fig. 17 – Capa da separata do artigo “Les nouvelles fouilles à Muge (Portugal)”, publicado em 1931.

1917, incluiu-as “num grupo de raças inferiores, australoides ou proto-etiópicas, de origem equatorial provável, o que concorda com o roteiro da civilização tardenoisense”. Esta teoria, que fazia a Península Ibérica como local de destino de populações epipaleolíticas e mesolíticas norte-africanas, tal como era apresentada por grandes pré-historiadores da época, como Obermaier e Bosch-Gimpera, foi mais tarde justamente refutada Heleno. Este, com base nas escavações que na década de 1930 veio a desenvolver na região de Rio Maior, defendeu correctamente a inclusão das indústrias de mesolíticas de Muge no quadro das indústrias europeias da mesma época, com base na defesa, abusiva, da sua filiação nas produções líticas do Paleolítico Superior da região de Rio Maior, de cunho evidentemente europeu, identificadas por M. Heleno no decurso da década de 1930 as quais, porém, à data dos primeiros trabalhos de Mendes Corrêa, eram ainda desconhecidas. Assim se explica a célebre designação de *Homo afer taganus*, para o íncola de Muge, dado que, segundo Mendes Corrêa, entre as três grandes áreas geográficas onde se reconheceram características rácicas particulares à espécie humana: a Europa, a Ásia e a África, era com as populações deste continente que as de Muge maiores semelhanças evidenciavam, reportando-se espe-

cialmente ao tipo dolicocefalo, ali largamente dominante. Contudo, não deixou de sublinhar a importância da identificação de raros crânios braquicefalos nas coleções dos Serviços Geológicos de Portugal (CORRÊA, 1923) (Fig. 6), os quais, conjuntamente com os de Ofnet (Baviera), constituíam os exemplares europeus mais antigos então conhecidos. Tratava-se sem dúvida de um incentivo adicional para o desejo de vir a realizar em Muge trabalhos de campo.

O primeiro ciclo das escavações dirigidas por Mendes Corrêa, com o apoio de dois assistentes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, J. R. dos Santos Júnior e R. de Serpa Pinto e o financiamento da Junta Nacional de Educação, desenrolou-se no concheiro do Cabeço de Amoreira, que tinha sido apenas objecto de sondagens muito limitadas no Século XIX (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000). Ali se efectuaram campanhas de 4 a 23 de Agosto de 1930 (Fig. 7 e Fig. 8) e de 29 de Setembro a 2 de Outubro do mesmo ano (Fig. 9), de modo aos participantes do XV Congresso de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica poderem apreciar a estação em curso de exploração, o que de facto veio a concretizar-se (Fig. 10).

No ano seguinte, as escavações efectuaram-se entre 29 de Julho e 21 de Agosto de 1931 (Fig. 11; Fig. 12); o terreno, previamente quadriculado, foi escavado de acordo com a malha ortogonal definida por camadas, como se pode verificar dos apontamentos conservados, feitos no caderno de campo de Mendes Corrêa tanto por Santos Júnior, como por Serpa Pinto (Fig. 13 e Fig. 14), tendo-se registado igualmente a respectiva estratigrafia. De acordo com os apontamentos de Serpa Pinto, tanto em 1930 como em 1931 trabalhou-se no concheiro do Cabeço da Amoreira durante 21 dias úteis, encontrando-se escavados, no final de 1932, 450 m² da área ocupada pelo concheiro (Fig. 15 e Fig. 16)

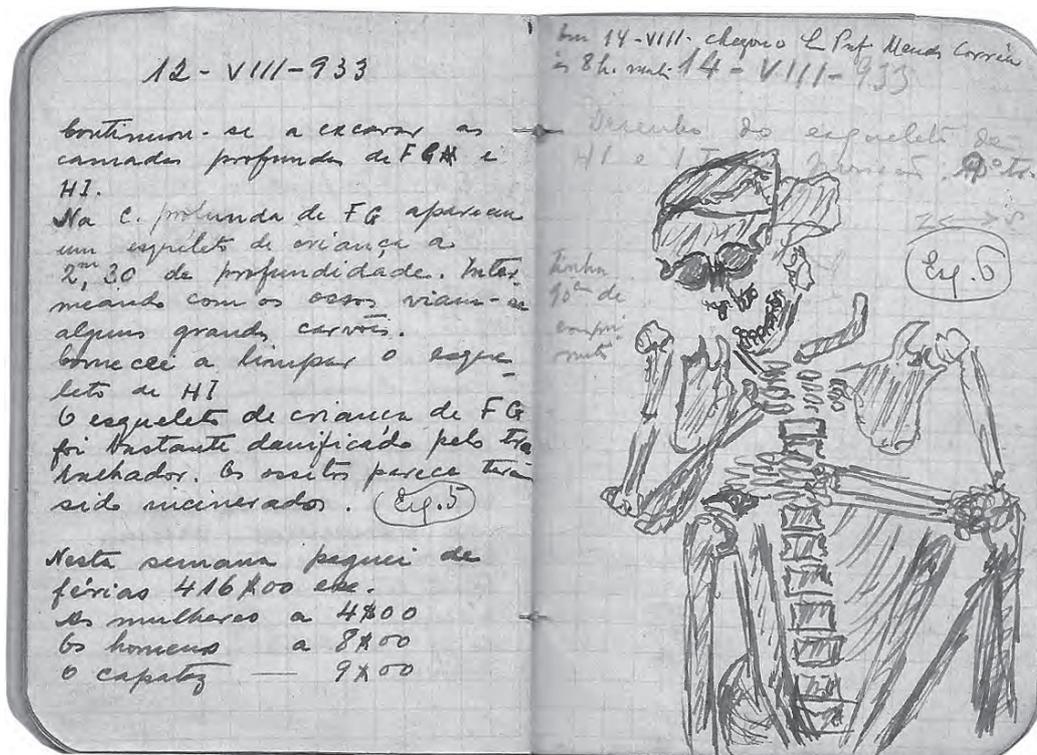


Fig. 18 – Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de J. R. dos Santos Júnior relativo à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1931), observando-se esboço da disposição de alguns dos restos humanos encontrados.

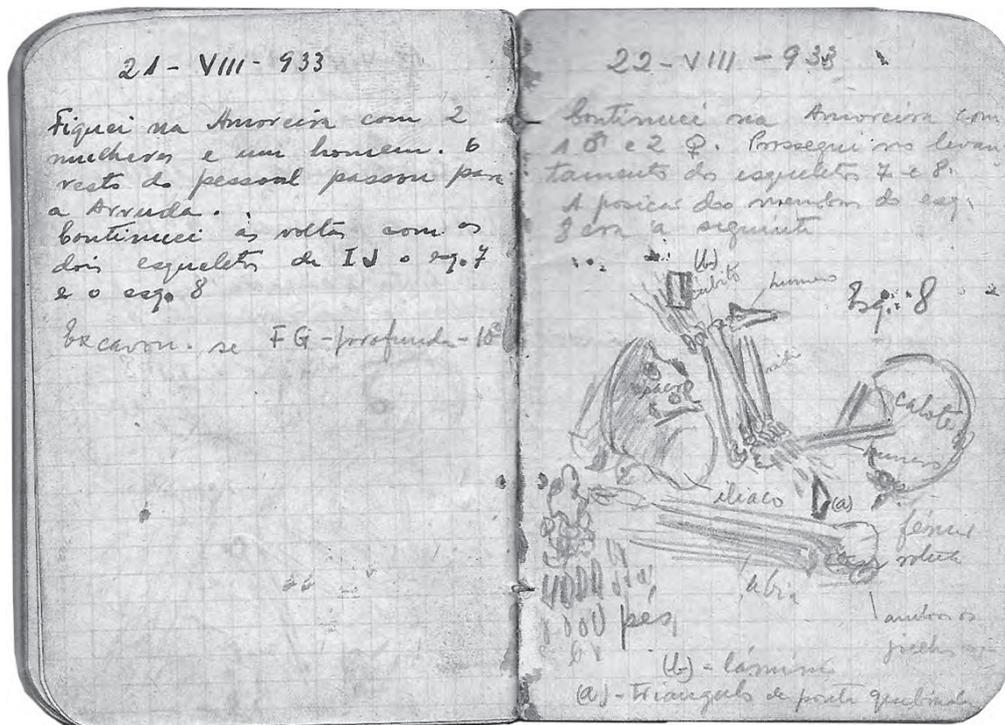


Fig. 19 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de J. R. dos Santos Júnior relativo à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1931), observando-se esboço da disposição de alguns dos restos humanos encontrados.

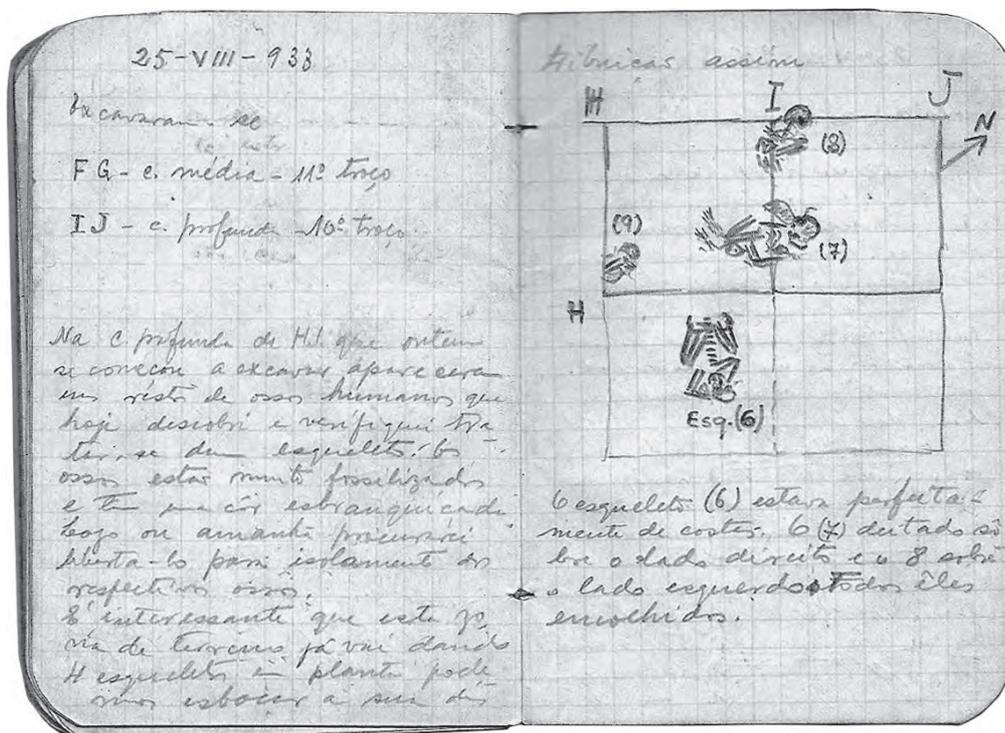


Fig. 20 - Excerto do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de J. R. dos Santos Júnior relativo à segunda campanha de escavações no concheiro do Cabeço da Amoreira (1931), observando-se esboço da disposição de alguns dos restos humanos encontrados.

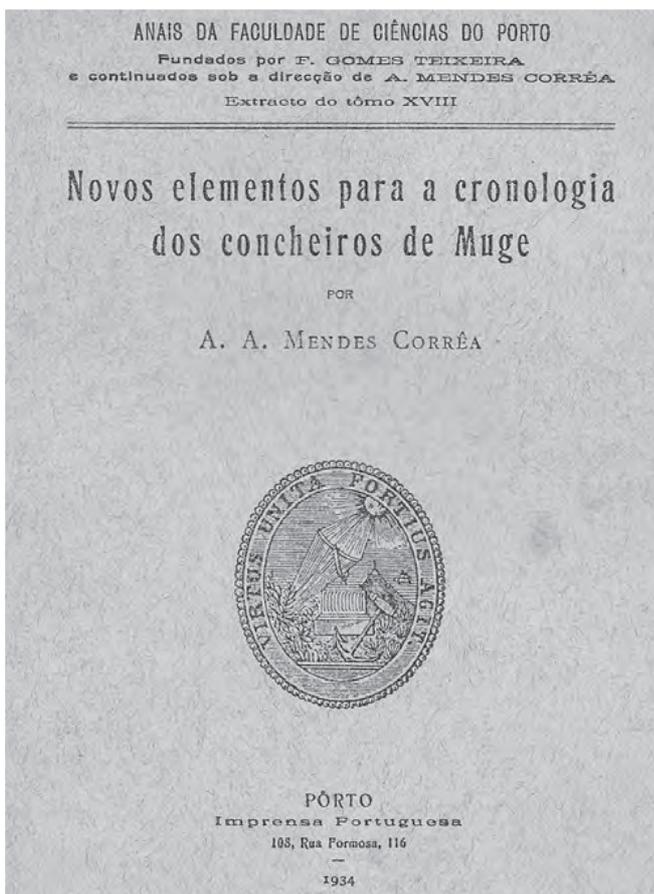


Fig. 21 – Capa da separata do artigo “Novos elementos para a cronologia dos esqueletos de Muge”, publicado em 1934.

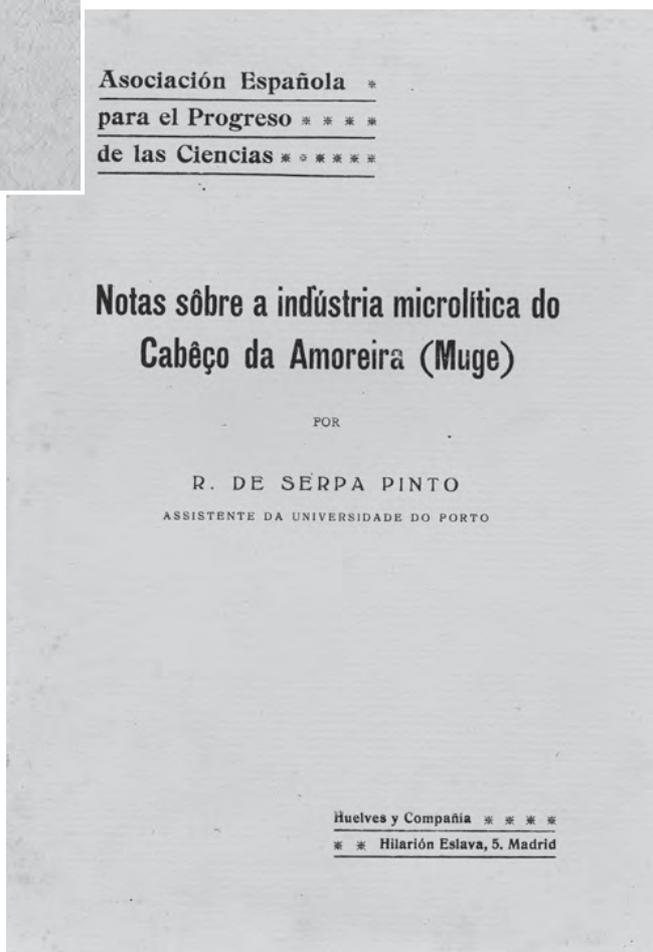


Fig. 22 – Capa da separata do artigo “Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)”, da autoria de R. de Serpa Pinto, publicado em 1932.

Fig. 23 – Capa da separata do artigo “A propósito do *Homo taganus* Africanos em Portugal”, publicado em 1936.

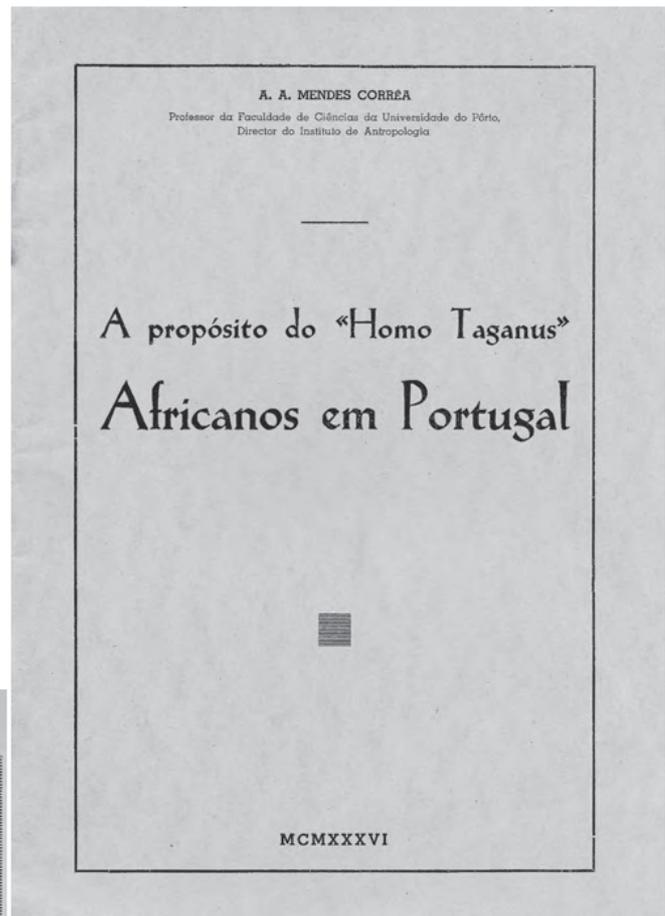


Fig. 24 – Capa da separata do artigo “Anthropologie et Préhistoire du Portugal”, publicado em 1941.

Os resultados obtidos das duas primeiras campanhas de escavações efectuadas em Muge foram apresentados à XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica, cuja segunda sessão de trabalhos se efectuou em Paris, em Setembro de 1931 (Fig. 16). A comunicação apresentada incluía já algumas observações com base no material por si exumado; referindo-se à presença de crânios braquicéfalos, que Vallois, um ano antes constestara, declarou: “mantenho até nova ordem os pontos de vista que em diversas ocasiões exprimi e que os novos dados vêm reforçar” (CORRÊA, 1933).

Em 1932 não se efectuaram escavações; em 1933, as escavações, sempre no concheiro do Cabeço da Amoreira, realizaram-se entre 7 e 28 de Agosto; delas se reproduzem três excertos do caderno de campo de Mendes Corrêa, preenchidos por Santos Júnior, reproduzindo diversos esqueletos então postos a descoberto (Fig. 18; Fig. 19 e Fig. 20). Sobre os resultados daquelas campanhas é o trabalho de Mendes Corrêa publicado na Revista da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 1934 (CORRÊA, 1934) (Fig. 21), dedicado à discussão da cronologia dos concheiros de Muge no qual, além de reiterar as suas ideias de sempre sobre posição, no quadro das populações humanas modernas, das populações dos concheiros de Muge, procurou estabelecer uma sequência para a ocupação dos concheiros, com base na tipologia das produções líticas. Assim, a predominância de triângulos no Cabeço da Amoreira e dos trapézios no Cabeço da Arruda – e a presença, embora vestigial, de *Natica hebraea*, unicamente presente no Cabeço da Amoreira, actualmente desaparecida do território português, indicadora de águas mais quentes que as actuais, levou-o a considerar este concheiro mais antigo que o do Cabeço da Arruda, conclusão que ulteriormente não se confirmou. Tais conclusões tinham sido, aliás, já apresentadas em 1932 por Rui de Serpa Pinto (PINTO, 1932) (Fig. 22), a quem estaria destinado, por certo, a parte mais importante da publicação dos resultados, infelizmente prejudicada pela sua morte prematura, ocorrida a 23 de Março de 1933 – o que o impediu de participar nas escavações realizadas em Muge nesse ano. Por outro lado, o envolvimento a partir dessa data de Santos Júnior – que lhe veio a suceder na cátedra de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto – em investigação da etnologia e da arqueologia das colónias portuguesas, levou a que fosse cada vez mais difícil a Mendes Corrêa assegurar a continuidade dos trabalhos de campo.

Em 1936, sob o expressivo título “A propósito do *Homo tapanus* Africanos em Portugal”, Mendes Corrêa, ao rejeitar a relação genética dos portugueses actuais com os negros, antes os incluindo “sem hesitações no bloco dos Europeus em geral” negava, também, a descendência directa daqueles a partir das populações de Muge, conclusão confirmada pelo estudo antropológico dos dois conjuntos, embora admitisse que um contributo genético, por pequeno que fosse, pudesse estar presente no património dos actuais portugueses (CORRÊA, 1936) (Fig. 23). Manteve estas e outras conclusões, ainda que sem acrescentar novos dados, já na plena maturidade da vida: disso é exemplo o



Fig. 25 – Mendes Corrêa no apogeu da sua actividade, na década de 1940.

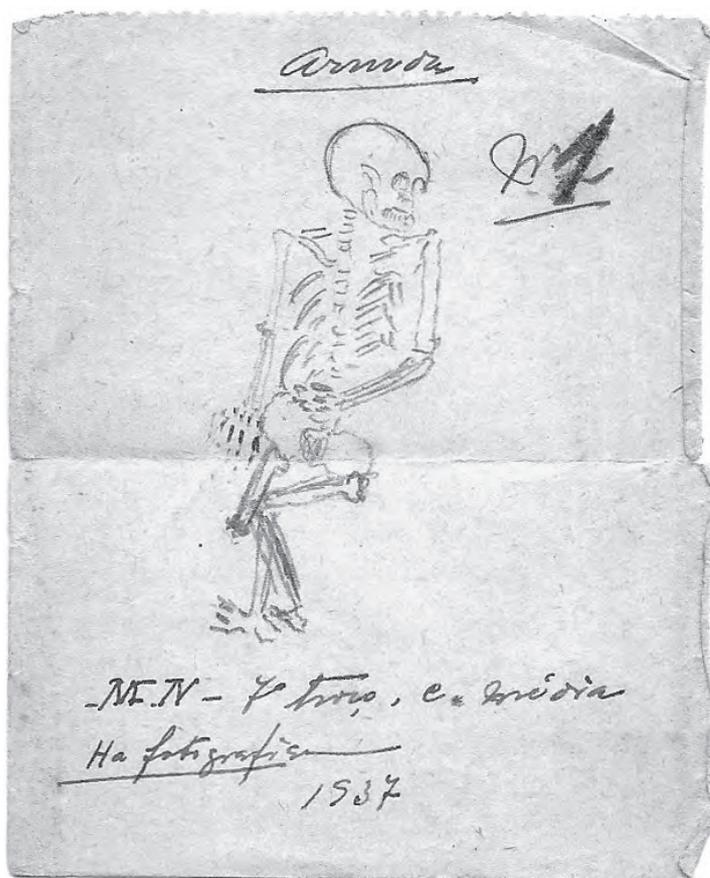


Fig. 28 – Folha solta do caderno de campo de Mendes Corrêa, com letra de J.R. dos Santos Júnior, contendo desenho a carvão de um dos esqueletos postos avista na primeira e única campanha de escavações realizada no concheiro do Cabeço da Arruda (1937).

trabalho publicado em 1941 (CORRÊA, 1941) (Fig. 24), tinha já 53 anos e encontrava-se no auge da sua polifacetada carreira científica (Fig. 25).

As derradeiras escavações dirigidas por Mendes Corrêa nos concheiros de Muge realizaram-se em Agosto e Setembro de 1937; as investigações interessaram então, pela primeira vez, o concheiro do Cabeço da Arruda (Fig. 26 a Fig. 30), de que resultaram novos elementos que vieram a ser utilizados pelo próprio, em apoio das suas teorias: dez anos volvidos (Corrêa, 1951a), reafirmou o essencial do que, já em 1919, fazia já parte da sua doutrina, depois de ver reconfirmada a presença de braquicéfalos em Muge por Augusto Ataíde (ATAÍDE, 1940) com base no estudo de um crânio do Cabeço da Arruda, recuperado nas escavações de 1937. Tal presença foi também identificada por Denise Ferembach (1974), ao estudar o conjunto recolhido no concheiro de Moita do Sebastião. Ao contrário, as afinidades negróides, ou etiópicas tão propaladas décadas atrás, não foram de facto identificadas pela investigadora francesa entre a população daquele concheiro: ao Homem de Muge foi então atribuído caracteres protomediterrâneos, onde os cromagnóides também ocorrem, correspondentes a indivíduos de menor tamanho e mais gráteis que as formas clássicas do Paleolítico Superior francês; mestiços entre ambos os morfotipos, acompanhados de alguns alpinos, completam o quadro definido (FEREMBACH, 1974, p. 135). Ainda assim, não poderá dizer-se que Mendes Corrêa preferiu morrer abraçado à teoria antropológica que continuou a defender, ao longo da década de 1940 (Fig. 31 e Fig. 32) mas que, por certo, de há muito já suspeitaria ser errónea: assim, em 1956, antecedendo portanto o estudo de Ferembach, ao estudar 5 crânios da Moita do Sebastião, exumados nas escavações

da década de 1950 realizadas por O. da Veiga Ferreira e J. Roche naquele concheiro, admitiu a possibilidade da população de Muge poder integrar-se na raça mediterrânea actual e, por acréscimo, no seio dos modernos portugueses, sem deixar de salientar a necessidade de continuar a investigar o assunto (CORRÊA, 1956).

As escavações realizadas no concheiro da Moita do Sebastião em 1952, 1953 e 1954 (Fig. 33, Fig. 34 e Fig. 35), em virtude de uma instalação agrícola pertencente à Casa Cadaval ter arrasado aquele concheiro até à camada da base, então explorada integralmente em extensão, só foram possíveis pelo patrocínio financeiro e institucional de Mendes Corrêa, através do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Tais escavações constituem um bom exemplo do apoio que Mendes Corrêa concedeu, na última fase da sua vida, a muitos arqueólogos que naquele Centro encontraram um porto de abrigo para a prossecução dos seus estudos.

Além de J. Roche e de O. da Veiga Ferreira, quase todos os arqueólogos que despertaram para a Arqueologia em Portugal, na década de 1950, beneficiaram da sua ajuda, tanto financeira como, tão ou mais importante, de carácter institucional: é o caso do Prof. Fernando de Almeida, cujo arranque das escavações na Egitânia se deveu exclusivamente ao patrocínio concedido por aquele Centro, de Abel Viana, que sempre encontrou na figura de Mendes Corrêa protecção e apoio face à postura hostil de Manuel Heleno, de E. da Cunha Serrão

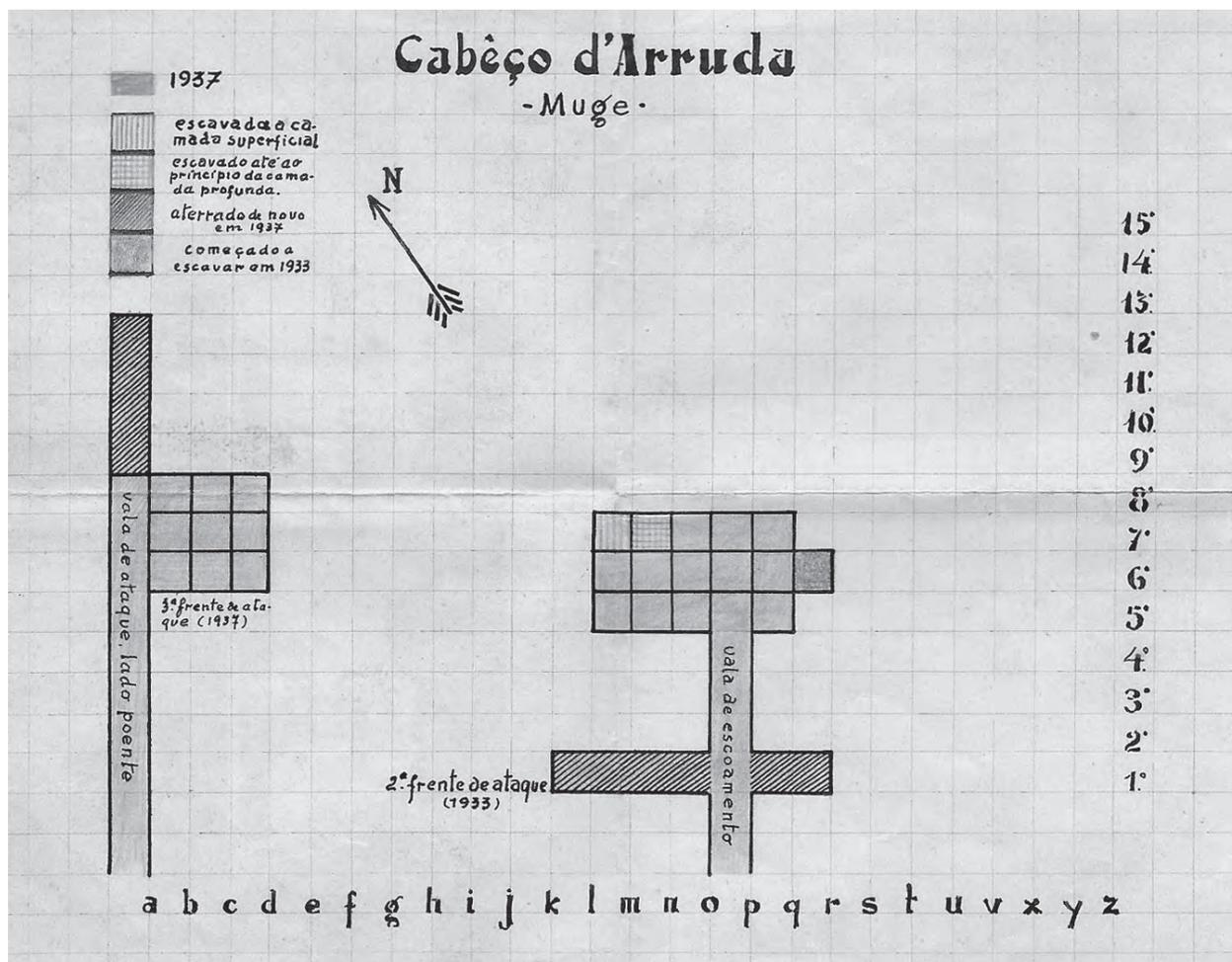


Fig. 29 – Planta geral anexa ao caderno de campo de Mendes Corrêa, da área escavada em 1937 no concheiro do Cabeço da Arruda.

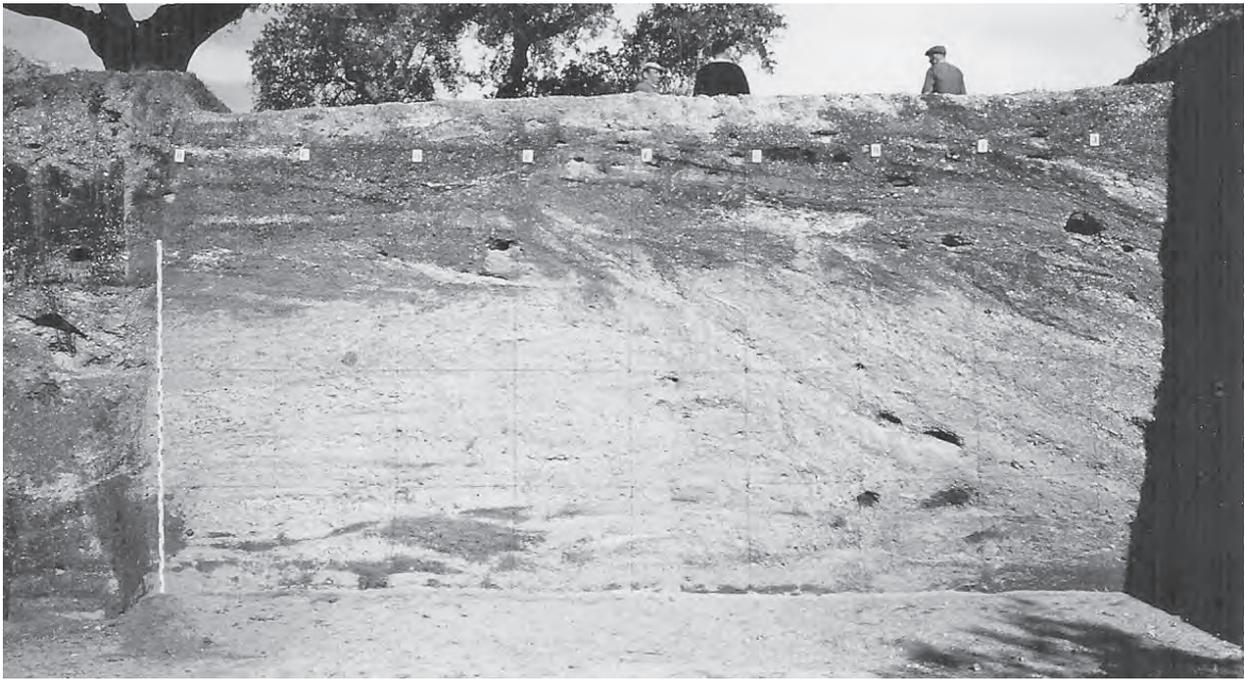


Fig. 30 – Corte estratigráfico realizado em 1965 por O. da Veiga Ferreira e J. Roche no concheiro do Cabeço da Arruda, reavivando o corte efectuado anteriormente por Mendes Corrêa.



Fig. 31- Capa da primeira edição do livro *Raízes de Portugal*, publicada em 1938.

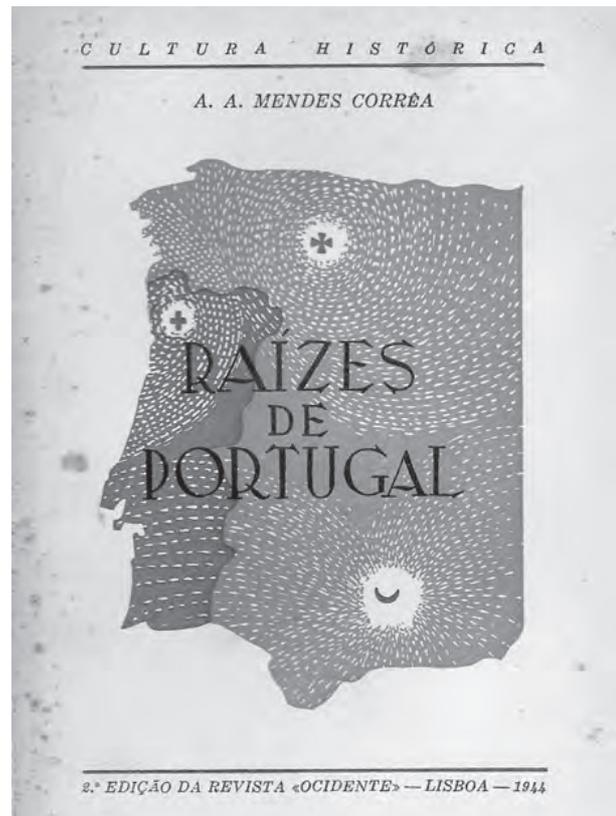


Fig. 32 – Capa da segunda edição do livro *Raízes de Portugal*, publicada em 1944.



Fig. 33 – Foto das escavações realizadas no concheiro da Moita do Sebastião em 1952, com Mendes Corrêa, à direita, conversando com Roche.



Fig. 34 – Foto das escavações realizadas no concheiro da Moita do Sebastião em 1952, com Mendes Corrêa de pé, observando O. da Veiga Ferreira na tarefa de extrair um esqueleto.



Fig. 35 – Visitantes das escavações de 1953 do concheiro da Moita do Sebastião: da esquerda para a direita: J. Roche, Mendes Corrêa, Marquesa de Cadaval, A. do Paço, Pires Soares e H. Vaultier.

e de E. Prescott Vicente, nas suas explorações de Olelas e da Parede, prosseguidas pelo primeiro no concelho de Sesimbra, e de O. da Veiga Ferreira e de Camarate França, entre outros arqueólogos que, desamparados de tais apoios, pouco poderiam ter concretizado (CARDOSO, 1999, 2011). É ainda o caso das explorações na jazida solutrense do Monte da Fainha (Évoramonte), onde se deixou fotografar, em Dezembro de 1955 (Fig. 36), no decurso dos trabalhos empreendidos em colaboração com Camarate França. Os materiais então exumados podem hoje observar-se no Museu da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto que, estranhamente, não foram incluídos na publicação dos materiais recolhidos em outras ocasiões (ROCHE, RIBEIRO & VAULTIER, 1968).

Assim se revelava a alma afectuosa, comunicativa, aliada a uma grande disponibilidade e a um espírito prático, de experiência feito. Como a todos aqueles a quem a *praxis* legitimou o tratamento de Mestre, o seu efectivo poder e influência institucional e política, foram sempre canalizados em prol do bem comum, acompanhando os progressos dos que acolhia no seu Centro com uma notável humildade científica, sem nada pedir em troca, a não ser trabalho sério e honesto. Como ele próprio declarou, em 1951, “um dos traços que considero mais indispensáveis na personalidade do homem de ciência é o acolhimento, o estímulo, o auxílio, a simpatia para com os novos. Eu, que na minha vida, conheci alguns velhos, avarentos do saber e da glória, que ocultavam informações, documentos, livros, aos jovens que os procuravam [...], sinto ufania em, no meu restrito, modesto, campo de acção, ter seguido sempre caminho diverso. A consciência poderia acusar-me de ter estimulado e apoiado, por engano, quem não correspondesse à minha boa vontade. Nunca me acusará de ter intencionalmente fechado o caminho a um jovem” (CORRÊA, 1951b, p. 80). E é esta posição eminentemente ética que convém sublinhar, pois ela é independente dos tempos e dos regimes, encontrando-se sublimada pelas



Fig. 36 – Mendes Corrêa aquando das explorações da jazida solutrense de Monte da Fainha (Evoramonte), fotografado a 9 de Dezembro de 1955.

palavras do nosso homenageado proferidas por um seu discípulo dilecto, o Prof. Carlos Teixeira, em 1962, aquando da tomada de posse, na Academia das Ciências de Lisboa, da cadeira que lhe pertencera (TEIXEIRA, 1964, p. 19):

“Um homem vale, acima de tudo, pelos serviços que presta à colectividade. Uma Pátria honra-se pelos serviços que presta à civilização e à Humanidade sem prejuízo – e até com afirmação – da sua individualidade nacional vinda de fundas raízes. Assim uma pátria dignificada e próspera tem de se manifestar principalmente nas suas instituições de cultura, nos seus organismos de assistência, de higiene, de solidariedade, nas suas normas de justiça social e na sua vontade de concorrer para o progresso e para a felicidade humana”

FONTE DAS ILUSTRAÇÕES

Além das fontes citadas, as restantes ilustrações reproduzem obras bibliográficas propriedade do autor ou fontes iconográficas do arquivo do Doutor O. da Veiga Ferreira também em sua posse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATAÍDE, A. (1940) – Novos esqueletos humanos dos concheiros mesolíticos de Muge. *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. 1, p. 627-651.
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2011) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Série III, 2, p. 229-297.
- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 83-240.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1917) – Novos subsídios para a Antropologia portuguesa. *Congreso de Sevilla*. Madrid: Asociación Española para el Progreso de las Ciências, p. 141-150.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1919a) – Origins of the Portuguese. *American Journal of Physical Anthropology*. 2 (2), p. 117-145.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1919b) – *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1923) – Nouvelles observations sur “l’Homo taganus, Nob.”. *Révue Anthropologique*. Paris. 33 (11/12), p. 1-9.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1924) – *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Casa editora de A. Figueirinhas.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1926) – O Homem Terciário em Portugal. *Lusitânia-revista de estudos portugueses*. Lisboa. 3 (9) (separata).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1928) – Nouvelles Recherches sur l’Homme Tertiaire en Portugal. *Actas da 3ª Sessão do Instituto Internacional de Antropologia (Amsterdão, 1927)*. Paris: Nourry (separata).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1933) – Les Nouvelles Fouilles à Muge (Portugal). *C. R. XV Congrès International d’Anthropologie & d’Archéologie Préhistorique (Paris, 1931)*. Paris: Nourry (separata).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1934) – Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto.18 (separata).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1936) – A propósito do “Homo taganus”. Africanos em Portugal. *Boletim da Junta Geral de Santarém*. Santarém. 6 (43), p. 37-55.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1938 a) – Arqueologia e Biologia. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 4: 245-261.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1938 b) – *Raízes de Portugal*. Lisboa: Edição de “Ocidente”.

- CORRÊA, A. A. Mendes (1941) – Anthropologie et Préhistoire du Portugal. *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*. Coimbra. 8 (1), p. 42-58.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1944) – *Raízes de Portugal*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente (2.^a edição).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1951a) – “Avant-Propos”. In ROCHE, J. *L'Industrie Préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge)*. Porto: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1951b) – Reverendo Pe. Eugénio Jalhay, S. J. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 5, p. 67-82.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1956) – Notice préliminaire sur les squelettes préhistoriques de Moita de Sebastião (Muge). *Crónica IV Congreso Internacional de Ciências Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Zaragoza, p. 133-139.
- FEREMBACH, D. (1974) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião, Muge. Portugal. II Anthropologie*. Lisboa. Instituto de Alta Cultura.
- GONÇALVES, A. H. B. (1986) – Inéditos de Rui Serpa Pinto sobre as escavações arqueológicas de Muge. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 26 (1-4), p. 211-229.
- MONTEIRO, E. (1959) – Professor A. A. Mendes Corrêa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (vol. de Homenagem ao Prof. Doutor Mendes Corrêa). Porto. 17 (1-4): 5-8.
- N/A (1931) – O XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 5 (1), p. 5-35.
- PINTO, R. de Serpa (1932) – Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge). *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1932)*. Actas: Madrid, 5, p. 49-54.
- ROCHE, J.; RIBEIRO, L. & VAULTIER, M. (1968) – L'industrie du gisement d' Evoramonte (Alentejo). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 7-13.
- TEIXEIRA, C. (1964) – Elogio Histórico de A. A. Mendes Corrêa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 9 p (separata).